

Boletim Número 49

Data: Outubro-Novembro-Dezembro/2010

EDITORIAL

O quadragésimo nono número do Boletim PROEALC aborda questões importantes frente ao momento particular que vivemos na América Latina. Na coluna Em Foco vale conferir a excelente reflexão de Carlos Walter Porto-Gonçalves sobre a violência legitimada do Estado em favelas no Rio de Janeiro e sua correlação com a financeirização da economia, sob o irônico título de o “Haiti é aqui”. Os artigos de Raúl Dellatorre e de Niko Schwarz abordam as perspectivas para América Latina no que tange as relações internacionais em 2011; já o artigo de Azalea Robles traça um perfil sobre o que seria o terrorismo de Estado na Colômbia, inclusive indicando diversos textos sobre o tema; e por fim, publicamos informações sobre a recente pesquisa da FLACSO sobre o aborto em diversos países latino-americanos, relevante principalmente no que tange a recente polarização em torno do tema nas eleições presidenciais no Brasil.

Esta edição apresenta também as reflexões dos bolsistas-pesquisadores do nosso Programa em 02 artigos, demonstrando a conexão dos mesmos com as questões do nosso tempo, principalmente no Brasil. O artigo de opinião de Priscila Pereira da Silva Alves analisa o resultado das eleições do Brasil em 2010 e propõe demandas importantes que necessitam de enfrentamento pelo novo governo. Já o artigo de Caroline de Castro faz uma interpretação crítica sobre a questão das milícias, principalmente após a estréia do filme “Tropa de Elite 2”.

Por fim, a equipe do Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC) deseja para todos aqueles que se preocupam com nossa América Latina, e fazem da mesma seus objetos de reflexão comprometidos com a transformação do cenário social perverso que atravessamos, um 2011 repleto de lutas que possibilitem horizontes de mudança.

Saudações Acadêmicas

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

O Haiti é Aqui

Sobre o Rio 2010, 2014, 2016 ...

*Carlos Walter Porto-Gonçalves**
2010-11-27

O espetáculo da violência que se quer legítima por parte do Estado globalizando Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão coloca a sociedade a brasileira diante de si mesma. Vivemos uma época onde o capitalismo

financeirizado usa como estratégia a produção de eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Esses eventos desencadeiam excelentes oportunidades de negócios no setor da construção civil, turismo, marketing e publicidade, indústria esportiva e mídia conformando um bloco de poder que insta os estados a agir em seu interesse em nome de atrair investimentos e gerar emprego e renda. Como se tratam de eventos, o nome já o diz, seus empregos são eventuais e a geração de renda beneficia desigualmente os diferentes estratos sociais: alguns terão empregos na construção civil, uns serão porteiros depois das obras, e outros serão guias turísticos e repórteres por alguns dias. O setor financeiro, as incorporadoras de imóveis, as grandes redes hoteleiras, a indústria esportiva e as empresas de marketing e publicidade já estarão promovendo outros grandes eventos a serem transmitidos pelas redes globais de TV em canais abertos e fechados.

O fato é que essa globalização, que Milton Santos bem chamou de globalitarismo, com seu pensamento único é uma bela síntese da combinação do capitalismo que opera por cima das fronteiras, globalizando, com seu sistema de estados territoriais brandindo um nacionalismo de mercado onde as seleções e os atletas disputam pódiums e medalhas, onde quase sempre alguma Vila de alguma periferia sobe e cafusamente revela a outra globalização que quer ser premiada. Só eventualmente, pois a globalização de hoje guarda uma história de longa duração que começa em 1492 quando a Europa deixa de ser uma área marginal e passa a ser o centro de um mundo que se mundializa a partir da invasão do nosso mundo (Abya Yala) por eles chamados de novo mundo (América). Ali começava uma grande revolução tecnológica, no mundo das navegações, da arte militar, na cartografia, enfim, no pensamento em geral para além da revolução na geografia mundial, dando início à modernidade, a primeira modernidade de fala portuguesa e espanhola. Sabemos que uma segunda modernidade de fala inglesa, hoje hegemônica, desqualifica essa primeira modernidade e com isso a componente colonial que lhe é constitutiva. A primeira modernidade seria católica e a segunda acreditaria nos milagres da ciência (e se esquece que a fé na ciência não é ciência e, sim, ainda fé).

O Brasil, Cuba e Haiti desde o séc. XVI exportam açúcar e, ao contrário do que se ensina nos livros didáticos e até mesmo nas universidades e na pós-graduação, o açúcar não é matéria prima. O açúcar é produto manufaturado e, à época, na Europa não havia manufaturas como os nossos engenhos de açúcar. A modernidade tecnológica estava aqui e não lá. O engenho de açúcar chegou aqui junto com os latifúndios e suas monoculturas, e como toda técnica comporta uma intencionalidade, como nos ensina Milton Santos, os engenhos e o latifúndio monocultor tinham uma intencionalidade posto que a produção não era para satisfazer as necessidades de quem produzia diretamente, mas sim para fora, para terceiros, para exportação. A monocultura, por exemplo, é uma técnica moderna e, portanto, feita não para satisfazer a quem produz. Essa coisa de local e de comunidade é tudo que a modernidade nega e desqualifica em nome do global, do geral, do universal. E como não era natural que as pessoas aceitassem produzir o que não fosse para elas mesmas, a modernidade introduziu a chibata, a escravidão. Afinal, nossos primeiros engenhos foram feitos com chibata para exportação! *Made in Brazil* e, já ali, *commodities*: técnica de ponta com injustiça social.

A modernidade para nós tem sido isso: riqueza e sofrimento. Essa é a colonialidade que nos acompanha e que é o outro lado da moeda da modernidade. Somos modernos há 500 anos! E para que não se pense que estamos falando de um outro mundo, de um outro tempo, observemos o que nos falam os dados da ONU sobre o que vem se passando no mundo nesse período restrito que a mídia e os *think thanks* do neoliberalismo chamam de globalização: entre 1970 e 2010 a população urbana mundial aumentou em dois bilhões e cento e setenta e sete milhões (2.177.000.000) de habitantes! Já em 1990 tínhamos em cidades uma população equivalente a toda a população mundial de 30 anos antes (1960). Informes recentes obtidos no Vº Fórum Urbano Mundial realizado no mês de março de 2010 no Rio de Janeiro, chamaram a atenção para o fato de 70 milhões de pessoas a cada ano se somarem à população urbana global. E que 90% desse aumento se dá nos países africanos, latino-americanos, caribenhos e asiáticos.

Mais da metade da população urbana mundial de 3 bilhões de habitantes, segundo o cientista social Samir Amim, vive sob condições precárias de trabalho e habitação, sendo que destes 1.290.000.000 vivem nos países da periferia e 270.000.000 nos países centrais. E nas periferias das cidades do primeiro mundo os pobres que lá estão são os imigrantes “quase todos pretos” ou de cor (sabemos que na linguagem racista quem tem cor são os outros e os outros são os não-brancos). Na escala local das periferias das cidades do primeiro mundo grita o sistema mundo moderno-colonial e sua globalização onde as classes sociais são também conformadas pela origem étnico-racial.

Uma nova geografia política mundial vem se reconfigurando onde o capitalismo financeiro que opera em rede se vê tendo que se ajustar à escala local onde vive a maioria dos “condenados da terra”, conforme a feliz

expressão de Frans Fanon sobre os infelizes. Hoje é nessas periferias que proliferam as doenças da miséria globalizada como a AIDS ou mesmo a gripe aviária, como nas periferias da cidade do México em 2009. É nessas periferias urbanas que se espalham o varejo do mercado paralelo das drogas do narco-capitalismo financeiro e seu irmão-gêmeo o mercado de armas. Ali, nas periferias-pobres-onde-quase-todos-são-pretos jovens sem futuro matam e se matam portando armas globalizadamente intermediadas pelo capital financeiro onde os paraísos fiscais cumprem um papel central. E como um paraíso fiscal deve ser como todo paraíso numa ilha, o que é perfeitamente coerente com a lógica de um capital que se quer desterritorializado, isto é, sem compromisso com direitos e cidadania que tem no território nacional seu lócus de garantia, o emblema maior desse sistema mundo moderno-colonial não poderia deixar de ser um país-ilha onde “todos são pretos” e os impostos estão no nível ideal dos *think thanks* neoliberais (O %): o Haiti. E o Haiti expõe ao extremo as contradições do sistema mundo moderno-colonial haja vista ter sido o primeiro país do mundo a querer fazer a dupla emancipação: a do sistema de poder mundial moderno-colonial e a das oligarquias latifundiárias escravocratas. Os haitianos, à época parte do sistema colonial francês, viram a burguesia que tinha no Haiti sua principal fonte de acumulação ser revolucionária em Paris se posicionando contrariamente a estender ao Haiti os princípios da Revolução de 1789: a liberdade, a igualdade e a fraternidade não podiam atravessar o Atlântico nem a barreira da cor da pele. Os Estados Unidos retribuíram a estátua da Liberdade que os franceses lhes regalaram, embora a deixando numa ilha (Manhatan), e apoiaram os franceses contra a dupla emancipação que os haitianos acreditaram ser possível com a Revolução Francesa. Ali, os Estados Unidos deram seu primeiro passo imperial, logo esse país que fizera a primeira revolução de libertação nacional que o mundo conheceu no 4 de julho de 1776.

E foi ali no Haiti que, em 2004, ano em que comemorariam seus 200 anos de independência, que se reiterou o golpe de estado contra um presidente preto cuja liderança política havia sido forjada nas periferias pobres de Porto Príncipe. Diga-se de passagem, que foi um golpe de estado que se iniciara em 1992 quando Jean-Batiste Aristide, o padre da Teologia da Libertação, ganhara a primeira eleição livre do Haiti depois que a sanguinária dinastia Duvalier deixava o país depois de décadas para se abrigar no país das Luzes, a França. J-B Aristide foi seqüestrado pelo então Presidente Bill Clinton e levado a Washington onde teve que negociar as condições que o Império lhe impôs para tomar posse. Entre essas condições não mexer na estrutura de poder militar legada pelos Duvalier. Aristide e o povo haitiano pagaram caro, mais uma vez, suas pretensões libertadoras e tiveram que se curvar às forças hegemônicas do sistema mundo moderno-colonial.

E é ali no Haiti que vem se ensaiando o novo combate na nova configuração geopolítica do mundo onde as periferias onde “quase todos são pretos” devem ser controladas. O espetáculo *globalmente* transmitido ao vivo de tanques militares invadindo Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão no último dia 26/11/2010 atualiza essa história de longa duração no espaço concreto da miséria local de um sistema global. E os tanques que ali agiam numa inédita articulação do estado brasileiro em suas distintas esferas com a mídia foram tanques fabricados na Suíça que, até então, se acreditava ser o país do chocolate e do capital bancário-financeiro globalizado. Que aqueles jovens que com a sua fuga demonstravam o quanto desorganizado é o “crime organizado” se livrem do massacre que os espera. Mas a esperança necessária para que se livrem das balas que prometem atingi-los, aliás como também vem protagonizando nessa lógica absurda da violência e do medo, passa muito longe de tanques e da mídia. Passa “por uma outra globalização” muito longe do globalitarismo que não entende que é de “um mundo onde caibam muitos mundos” que carecemos. Que seja igualitária e que não tolere o outro porque o vê com alegria. E que a pólvora volte a ser usada para fogos de artifício. Aliás, elas só se fazem mais belas sobre um fundo preto.

***Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF. Pesquisador do CNPq e do Clacso. Prêmio Casa de las Américas (Ensaio Histórico-social) em 2008 e Medalha Chico Mendes em Ciência e Tecnologia 2004. É autor de vários livros e artigos publicados no Brasil e no exterior..**

Fonte: <http://alainet.org/active/42596>
Consulta em 02 de novembro de 2010.

Em Foco II

América Latina deve se preparar para crise mundial prolongada

Raúl Dellatorre

Publicado originalmente em português no IHU-Unisinos

Seminário internacional sobre o projeto do Banco do Sul, convocado pela presidência da República do Paraguai terminou com prognósticos compartilhados com relação ao fato de estarmos transitando em meio a "uma crise mundial prolongada" e advertência sobre o fato de que a "América Latina tem uma grande oportunidade", mas ficará em uma situação de "tremenda vulnerabilidade" se não tomar as precauções necessárias a tempo. Encontro também defendeu necessidade da participação dos movimentos sociais na defesa e na implementação do Banco do Sul .

Com prognósticos compartilhados com relação ao fato de estarmos transitando em meio a "uma crise mundial prolongada" e advertência sobre o fato de que a "América Latina tem uma grande oportunidade", mas ficará em uma situação de "tremenda vulnerabilidade" se não tomar as precauções necessárias a tempo, terminou quinta-feira o seminário sobre o projeto Banco do Sul, convocado pela presidência da República do Paraguai.

Pedro Páez, ex-ministro coordenador de Políticas Econômicas do Equador, e Felisa Miceli, ex-ministra de Economia de Néstor Kirchner, foram os encarregados, respectivamente, do primeiro e último discurso da jornada. "Passaram-se seis anos desde que foram assinados os primeiros acordos para o Banco do Sul e, apesar de que ele já ter a sua ata fundacional, a sua capital e sua sede definidas e a colocação em funcionamento do Conselho de Administração, ele ainda não consegue ser uma realidade. Sem a pressão e o acompanhamento da sociedade, é impossível que os governos realizem esses projetos", destacou Miceli, responsável ainda do Centro de Estudos e Monitoramento de Políticas Públicas da Universidade das Mães da Praça de Maio.

A necessidade da participação dos movimentos sociais na defesa e na implementação de projetos como o Banco do Sul foi um dos eixos das intervenções da tarde no encontro de Assunção. Sua instalação como novo ator político na crise do neoliberalismo, como resposta a necessidades não satisfeitas pelo mercado, foi mencionada em várias intervenções.

Desempregados, comunidades aborígenes, agricultores, operários de empresas recuperadas, grupos microempreendedores e outras formas de organização social com experiências diversas e o papel que lhes cabe em uma nova construção política foram algumas das questões de debate entre os acadêmicos, profissionais e funcionários que participaram desse fórum.

Páez, um dos articuladores e projetista da proposta do Banco do Sul, traçou um quadro cru da crise mundial e de seu provável prolongamento e desenlace. "Não é uma crise financeira que se torna uma crise econômica. Também não é uma crise por corrupção de alguns banqueiros, nem produtos do ciclo endógeno de autodepuração do sistema: é uma crise do regime de acumulação, dos eixos fundamentais da economia atual, dos critérios de rentabilidade e de eficiência. Não é apenas uma crise das políticas neoliberais", assinalou o economista equatoriano, colaborador próximo do presidente do seu país, Rafael Correa.

Em seu diagnóstico, Páez deixou claro que as condições estão dadas para que haja impactos sobre a economia mundial mais graves do que os acontecidos em 2008. "Está desatada uma disputa pela hegemonia, na qual o eixo anglo-saxônico (Estados Unidos e Grã-Bretanha, defensores do dólar como moeda forte) está ferido de morte e, como não pode se recuperar, fará todo o possível para que os demais fiquem piores do que ele", assinalou. Ele defendeu que "o ataque especulativo lançado contra a Europa (e à sua moeda, o euro) entre maio e junho" foi uma demonstração dessa disputa. Ataque do qual resultaram, como resposta para defender o euro, as políticas de ajuste na Grécia, na Espanha, na França e agora na Irlanda.

O economista equatoriano também prognosticou novas bolhas financeiras produzidas pelas apostas especulativas que continuam sendo o fato dominante do sistema financeiro. "Das hipotecas subprime (sobre dívidas de propriedade de alto risco de inadimplência) passou, nos Estados Unidos, às prime e às dívidas soberanas (de países). A superacumulação de capital pela alta concentração continua buscando opções de rentabilidade das bolhas especulativas", assinalou Páez.

Felisa Miceli concordou no diagnóstico. "Quem está por trás das compras de hipotecas?", perguntou-se, para responder imediatamente: "As megacorporações emparentadas aos fundos de investimento. A crise tornou-se em uma maior concentração de recursos, que essa elite empresarial vai continuar derivando ao mercado financeiro. O aparecimento de bolhas financeiras vai ser recorrente. Um cenário muito escuro nos espera".

Ambos coincidiram na imperiosa necessidade de uma nova arquitetura financeira para a região, que permita blindar as economias latino-americanas e promova a integração. "O primeiro instrumento é o Banco do Sul, que não há razões para que não esteja funcionando", apontou Miceli.

Páez afirmou que uma nova arquitetura financeira, com um banco de desenvolvimento regional como primeiro passo, não é suficiente para libertar a região das consequências da crise, mas é uma condição "necessária" frente ao atual marco internacional. Lembrou também a proposta de um sistema de compensação de pagamentos recíprocos que liberte a região da dependência do dólar, mediante uma moeda comum "que não reproduza os defeitos do euro".

Mediante essa moeda, disse, deveria se fixar o valor dos produtos que socialmente se considere benéfico amparar. "Os preços internacionais de hoje não são os corretos, estão distorcidos pela especulação e os subsídios. Qual é o sinal que pode receber um produtor latino-americano para orientar sua produção a partir dessas cotizações? Ele pode tomar decisões de produção eficientes? Em favor do interesse de quem? Assuntos tão delicados como a produção de alimentos ficam subordinados aos vai-véns especulativos. É uma situação tremendamente frágil e implica em uma alta vulnerabilidade para nossas economias se permanecermos atados a ela", expôs o economista equatoriano.

A proposta do Banco do Sul fixa como objetivos a soberania alimentar, energética e de saúde, como áreas prioritárias para financiar e sobre as quais construir um novo modelo de desenvolvimento. Mas Felisa Miceli acrescentou que a América Latina deve assumir "um duplo desafio de integração, entre países desiguais, mas também atendendo as assimetrias internas". Ela assinalou o conflito de países como a Argentina, que, pelo Mercosul, deve atender as assimetrias com o Paraguai e o Uruguai, mas, quando o propõe, recebe a reclamação das províncias do Norte com situações sociais semelhantes às dos países vizinhos. "Se não conseguirmos gerar espaços complementares, é difícil que a soberania seja vista em termos concretos", advertiu.

Fonte: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17222
Consulta em 02 de novembro de 2010.

Em Foco III

Ultradireita republicana declara guerra a governos de esquerda

Por Niko Schvarz, para o La República (Uruguai)

No dia 15 de novembro, representantes da ultradireita republicana e de partidos e organizações direitistas de países da América Latina se reuniram no Congresso dos EUA, em Washington, para organizar ações contra

os governos de esquerda da região. O título do encontro era "Perigo nos Andes: ameaças à democracia, aos direitos humanos e à segurança interamericana". Os principais alvos dos direitistas republicanos são Cuba, Nicarágua, Venezuela, Bolívia e Equador.

O encontro, realizado nos salões da Câmara de Representantes, foi caracterizado como uma declaração de guerra contra esses governos da nova América Latina. Os congressistas anfitriões republicanos fizeram o convite sob o alento das eleições de 2 de novembro, que lhes deu o controle da Câmara de Representantes, desbancando os democratas. E ficou claro que aspiram conduzir o governo a um enfrentamento aos governos mencionados, particularmente os da Venezuela, Bolívia, Equador, Nicarágua (foi apresentada uma moção pedindo sua expulsão da OEA) e, é claro, Cuba. O título do encontro era "Perigo nos Andes: ameaças à democracia, aos direitos humanos e à segurança interamericana".

Quem deu a tônica foi a congressista Ileana Ros-Lehtinen, da máfia anticubana de Miami, que passará a presidir a Comissão de Relações Internacionais da Câmara de Representantes.

Ela disse que "agora, mais que nunca, é o momento de os Estados Unidos apoiarem seus amigos" e cooperar "com seus sócios na região para enfrentar o declínio das liberdades democráticas e os direitos humanos" por parte dos governos de Venezuela, Bolívia, Nicarágua e Equador.

É preciso lembrar que a congressista apoia furiosamente o bloqueio contra Cuba e conclamou algumas vezes pela eliminação de Fidel Castro, interveio a favor de um indulto e da libertação do terrorista Orlando Bosch (responsável junto a Posada Carriles, entre outros atos, da explosão do avião da Cubana de Aviación em 1976) e apoiou o golpe de estado em Honduras.

Junto a ela estava Connie Mack, republicano pela Florida e próximo chefe do subcomitê de Relações Exteriores para o Hemisfério Ocidental (ou seja, que se ocupará especialmente da América Latina), que esboçou seu programa de ação nestes termos: "Espero que agora, que teremos uma nova maioria, enfrentemos de maneira frontal a Chávez, que é uma ameaça para a democracia na América Latina e o mundo". (O presidente venezuelano acaba de denunciar um plano para assassiná-lo, para o qual há cerca de US\$ 1 milhão disponíveis para executar o conluio).

Entre os think-tanks organizadores deste sabá de feiticeiras ou reunião de bruxos no Capitólio se encontra a Fundação Heritage, da qual são membros proeminentes Otto Reich e Roger Noriega, que também puseram lenha no fogo. São dois velhos urubus, papagaios da política intervencionista dos EUA na América Latina. Otto Reich foi enviado especial para a América Latina do ex-presidente George W. Bush e Noriega foi vice-secretário de Estado para a região do mesmo presidente, o que acentua a convicção de que o objetivo do conclave é ressuscitar a política do antecessor de Barack Obama e relação à nossa América.

Otto Reich apoiou o fracassado golpe de Estado de abril de 2002 na Venezuela e contribuiu para a legitimação do golpe em Honduras, em junho de 2009. Quanto ao cubano-estadunidense Roger Noriega, integrante de uma confraria com Otto Reich e o conhecido John Negroponte, foi embaixador dos Estados Unidos na OEA, esteve diretamente envolvido com o escândalo da operação Irã-Contras na Nicarágua e também na guerra civil em El Salvador no princípio dos anos 1980, junto aos esquadrões da morte e no assassinato de vários religiosos.

O cartel de participantes foi completado com personagens como: Luis Núñez, presidente do Comitê Cívico de Santa Cruz, Bolívia, que promove a secessão desse departamento boliviano e integrou a conspiração paramilitar que projetou o assassinato de Evo Morales e terminou há dois anos com a morte do conspirador húngaro-croata Eduardo Rózsa Flores; o ex-presidente boliviano Gonzalo Sánchez de Lozada, responsável da Guerra do Gás, de outubro de 2003 e as sequelas de sua sangrenta repressão e que está fugido nos Estados Unidos, país que se nega a extraditá-lo para a Bolívia; o ex-candidato presidencial e ex-governador boliviano Manfred Reyes Villa, fugitivo da justiça; Guillermo Zuloaga, proprietário do canal venezuelano Globovisión, acusado de corrupção, também fugitivo da justiça e radicado em Miami.

Não podia faltar, é claro, a 'benemérita' Sociedade Interamericana de Prensa (SIP), em cujo nome falou o presidente em fim de mandato Alejandro Aguirre. Esta lista está longe de ser exaustiva.

O embaixador venezuelano nos Estados Unidos, Bernardo Álvarez, disse com razão que esta reunião evidencia que em Washington há quem queira "apagar a luz das novas democracias latino-americanas", que

a extrema direita da América Latina conta com o apoio de setores políticos do país do norte do continente para "frear os ares integrantes que sopram na Pátria Grande" e que a "ideia é voltar ao cenário de desestabilização, mas este cenário está condenado ao fracasso".

Documento de Santa Fé

A Heritage Foundation, uma das organizadoras do conclave, é a mesma que, junto com o Grupo de Santa Fé (capital do Novo México) elaborou em maio de 1980 o Documento de Santa Fe 1, dirigido a Ronald Reagan e que continha as linhas mestras de um plano para o domínio unilateral da América Latina. Às vésperas da posse de George W. Bush, surgiu em janeiro de 2001 o 4º Documento de Santa Fe, que revive a Doutrina Monroe, com seu componente abertamente intervencionista e coloca em primeiro plano o poderio militar dos EUA. É com estes antecedentes que a Heritage Foundation participou na reunião do Capitólio.

Fonte: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17215
Consulta em 3 de dezembro de 2010.

Em Foco IV

Principales Resultados Estudio de Opinión Pública sobre Aborto: Brasil, Chile, México y Nicaragua

Claudia Dides, M.Cristina Benavente e Isabel Sáez

A "pesquisa de opinião pública sobre o aborto primeiro em quatro países latino-americanos: Brasil, Chile, México e Nicaragua" pelo Programa de Inclusão Social da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, em casa para o Chile, da FLACSO-Chile, entre abril e maio 2009 revela que a polarização ideológica do tradicional debate sobre o aborto determinado pelas posições conhecidas como "pró-vida" e "pró-escolha" não reflete a atitude da maioria da população destes países ao aborto. De fato, encontramos uma terceira abordagem que favorece a descriminalização do que em certas circunstâncias, associadas à gravidez, para que a população dos quatro países exigem uma maior abertura, debate e participação do cidadão nas decisões de políticas públicas na matéria, envolvidos em todos os casos a procura de marcos regulatórios mais flexíveis sobre o aborto actualmente em vigor nos países. O objetivo deste estudo foi determinar as percepções, opiniões, conhecimentos e expectativas das respectivas empresas sobre o aborto. Em cada país foram pesquisados, com uma amostra probabilística em todas as fases de cerca de 1.200 homens e mulheres maiores de 18 anos, residentes em áreas rurais e urbanas.

Confira o documento na íntegra através do link abaixo (cole no seu navegador):

<http://xa.yimg.com/kq/groups/27856784/1797717465/name/Encuesta>

Fonte: http://www.flacso.cl/publicaciones_ficha.php?publicacion_id=948
Consulta em 3 de dezembro de 2010.

Em Foco V

O que é terrorismo de Estado na Colômbia

Por Azalea Robles, em Rebelión

Para entender a realidade colombiana, muito falsificada pela mídia, deve-se compreender duas premissas fundamentais: por um lado, uma realidade de profunda desigualdade social e, correlativa a ela, conhecer de que forma a resposta estatal diante das reivindicações populares é de terror.

A história da Colômbia está definida pela pilhagem dos seus recursos: pelo Terrorismo de Estado para manter um status quo de injustiça social. O Estado colombiano facilita a pilhagem dos recursos naturais e humanos da Colômbia: é o que garante os interesses das multinacionais e da oligarquia.

Portanto, todo aquele que reivindica por justiça social é assassinado, e vilas inteiras são arrasadas com a finalidade de esvaziar as terras de grande interesse econômico: eliminação sistemática das demandas sociais, políticas, econômicas, ecológicas...

Uma situação dramática que os grandes meios de comunicação de massas sistematicamente ocultam ou falsificam. Agora essa falsa mídia quer fazer crer que o governo de Santos é mais moderado, mas nada está mais longe da realidade.

Apenas dois dados: nos primeiros 75 dias do seu mandato, foram assassinados 22 defensores de direitos humanos (1), e foram violentadas e assassinadas 3 crianças pelo exército, no que faz parte da prática do terrorismo de Estado (2).

O extermínio da oposição, a belicosidade e o empobrecimento continuam a se intensificar com Santos, como pode se evidenciar pelos bombardeios maciços, os desaparecimentos forçados, os aprisionamentos políticos e as Leis lesivas que promovem mais privatizações e deslocamentos massivos de populações, como é o caso de "Lei de Terras", apresentada como a panacéia pela mídia, embora seja "uma lei sem consulta que coloca vidas em risco e legaliza o despojo" (3).

Os números são importantes porque permitem dar uma dimensão do que é um dos piores genocídios da história contemporânea da humanidade, um genocídio silencioso.

A seguir mostramos o quadro do que é, em números, o Terrorismo de Estado na Colômbia.

O terrorismo de Estado na Colômbia é:

*Somente nos últimos três anos, o desaparecimento de mais de 38.255 pessoas pelas mãos do Terrorismo de Estado na Colômbia. Estima-se, atualmente, em 250.000 o número de pessoas desaparecidas (seqüestradas ou torturadas) sob a lógica de "dissuadir as reivindicações pelo terror" (O Estado busca que o terror perdure quando um corpo desaparece, pois prolonga a angústia nos sobreviventes) (1)

* A eliminação física de todo um partido político, a União Patriótica (UP): mais de 5.000 pessoas da UP foram assassinadas pelo Estado (2).

* Mais de 2.704 sindicalistas assassinados: 60% do total de sindicalistas assassinados em todo o mundo são mortos na Colômbia pelas ferramentas do terrorismo de Estado (3).

*Na Colômbia, a situação de injustiça social é esmagadora e, a cada dia, se alarga a brecha entre ricos e pobres, sendo a repressão estatal busca calar o descontentamento natural diante desta dramática situação.

Da população da Colômbia 68% vive na pobreza e na indigência. A concentração da riqueza é escandalosa: a Colômbia é o 11º país maior desigualdade social do mundo (colocação nº. 11 do coeficiente GINI de desigualdade), e é o país mais desigual das Américas. Dizemos que existem, segundo os números mais conservadores, 8 milhões de indigentes e 20 milhões de pobres (4).

Anualmente, morrem mais de 20 mil crianças menores de 5 anos de desnutrição aguda (dados da UNICEF). De cada 100 mulheres grávidas deslocadas, 80 sofrem de desnutrição crônica (5). Simultaneamente, e correlativo a esta miséria, um único banqueiro, Sarmiento Angulo, controla 42% do crédito nacional e declarou lucros de 1,250 bilhões de dólares no último bimestre de 2009. (6)

* Terrorismo de Estado é o deslocamento de populações em benefício do grande capital: mais de 4,5 milhão de pessoas foram deslocadas de suas terras pelos massacres dos militares e paramilitares dentro da Estratégia Estatal de "terra arrasada" para esvaziar a população das áreas rurais e assim oferecer as terras de alto interesse econômico às multinacionais sem que haja reivindicações nem moradores...(7).

* 10 milhões de hectares foram roubados assim das vítimas e estas, deslocadas. Essas mesmas terras foram oferecidas para as multinacionais, ao grande latifúndio e a novos chefes paramilitares. O escândalo do "agroingresso seguro" serviu para consolidar este roubo (8).

* Terrorismo de Estado é a maior vala comum da América Latina, uma descoberta dantesca que, entretanto, ainda não levou ao repúdio internacional que merece o regime colombiano: mais de 2.000 ossadas de desaparecidos pela força Omega do "Plano Colômbia" (9).

* Terrorismo de Estado é a utilização de uma Ferramenta Paramilitar para injetar o Terror na população, a fim de silenciá-la, docilizá-la e deslocá-la. Uma ferramenta de horror que prática violações em massa, esquiteamentos com motosserra, empalações e outras formas de terror de dar arrepios.

Um relatório do Escritório de Justiça e Paz, de fevereiro de 2010, indicava que os paramilitares asseguram ter cometido 30.470 assassinatos em 15 anos. E o drama se vislumbra ainda mais dantesco. Vários paramilitares têm testemunhado sobre o caráter estratégico da Estrutura Paramilitar para o próprio Estado colombiano, e deram dezenas de nomes de generais, empresários, multinacionais, políticos, todos promotores do paramilitarismo. E ainda não veio a merecida condenação internacional ao Estado colombiano que continua impune com tais práticas genocidas (10).

* Milhares de valas comuns contendo milhares de cadáveres de colombianos massacrados pelo paramilitarismo de Estado colombiano: os paramilitares deram algumas coordenadas das valas para assim ser amparar na "Lei de Justiça e Paz", que foi criada sob a direção de um dos maiores promotores do paramilitarismo: Álvaro Uribe Vélez. É uma lei que lhes proporciona impunidade se mostrarem "arrependimento".

Em abril de 2007, quando terminava o primeiro ano de busca de valas comuns, a promotoria recebeu 3.710 denúncias de áreas onde podiam ser localizadas, mas a maioria não pode ser explorada, segundo o Estado, por "falta de recursos..." As famílias de milhares vítimas esperam pelos testes de DNA nas ossadas encontradas, mas o Estado justifica sua inoperância alegando "falta de recursos" e "estouro do orçamento", mas para patrocinar militares e paramilitares os recursos aparecem na hora.

* Terrorismo de Estado são os fornos crematórios e as criações de jacarés da Ferramenta Paramilitar do Estado e das multinacionais, onde os paramilitares fizeram desaparecer a milhares de pessoas... (11).

* Milhares de assassinatos, incluindo o escândalo dos "falsos positivos": os militares sequestram jovens, são disfarçados como guerrilheiros e assassinados para assim apresentá-los como "guerrilheiros mortos em combate".

Os meios de comunicação de massa se encarregam de difundir a mentira, visto que na Colômbia, os meios de comunicação de massa dão como verdade o que suas fontes militares dizem. Isto é feito pelos militares para "mostrar os resultados" da sua guerra contra insurgente e também para assassinar os civis que incomodam.

A cobertura mediática dos mortos que são tidos como guerrilheiros é absolutamente macabra na Colômbia: mostram-se os corpos alinhados, seminus, para, dessa maneira, moldar a opinião pública na desumanização dos guerrilheiros. A diretiva N°. 029, do Ministério da Defesa, fomenta os "falsos positivos" (12).

* Mais de 7.500 presos políticos, muitos deles vítimas de armações jurídicas, uma prática comum contra ativistas dos movimentos sociais (13).

* Centenas de auto-atentados, outro tipo de "falsos positivos" por parte das forças policiais e militares que já colocaram bombas na própria cidade de Bogotá para assim poder criar a base para armações mediáticas de desprestígio contra as guerrilhas. Estes auto-atentados foram preconizados pelo DAS, o Departamento Administrativo de Segurança, como consta de documentos (14).

* As violações dos direitos humanos têm sido aprofundadas no que se evidencia como um país ocupado: na Colômbia existe uma numerosa presença de militares dos EUA e mercenários israelenses; foram implantadas sete bases militares dos EUA, sendo que o Estado colombiano concedeu aos 'marines' total imunidade para todos os crimes que cometerem na Colômbia. Já existem vários casos de violentadas por 'marines', que estão em total impunidade, pois 'marines' têm "carta branca" para violentar, torturar e assassinar na Colômbia (15).

A violência é a ofensiva do grande capital, na sua ânsia de não perder a Colômbia como valioso "armazém de recursos", por isso implantaram e mantiveram essa aberração que hoje é o Estado colombiano.

Se não fosse pela "ajuda" descomunal dos EUA e da UE esse Estado criminoso teria deixado de existir há muitos anos, não teria endividado o povo colombiano para manter os gastos militares e, não contaria com a sua Estratégia Paramilitar de Terrorismo de Estado.

Sem seus apoios militares e mediáticos, o Estado colombiano não poderia ter cometido tanta barbárie; e o povo colombiano teria conseguido a sua verdadeira independência, sua emancipação de tanta inveja, morte e dor.

Notas do texto:

- (1) <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=115826&titular=denuncian-el-asesinato-de-22-defensores-de-derechos-humanos-en-los-primeros-75-d%E2%80%90de>
- (2) <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=115823&titular=el-estado-colombiano-secuestra-viola-y-asesina-a-ni%C3%B1os-en-arauca->
- (3) <http://www.rebelion.org/noticia.php?id=115829&titular=%22ley-de-tierras-de-santos-es-una-ley-inconsulta-que-pone-vidas-en-riesgo-y->

Notas do quadro:

- (1) <http://www.telesurtv.net/noticias/secciones/nota/71765-NN/colombia-registra-mas-de-38-mil-personas-desaparecidas-en-tres-anos/>

O crime de Estado de desaparecimento forçado da "democracia" na Colômbia, há muito tempo ultrapassou os números dramáticos da ditadura na Argentina: só nos últimos três anos, o Terrorismo de Estado desapareceu com 38.255 pessoas (números de fevereiro de 2010 da medicina legal e da promotoria), para uma estimativa total para os últimos 20 anos de 250.000 pessoas desaparecidas... As estimativas do desaparecimento forçado são minimizadas pelo Estado (o agressor), entretanto teve de admitir, pelo menos, 50 mil desaparecidos.

Palestra de Piedad Córdoba em Madri, maio de 2010 "Há 250.000 desaparecidos na Colômbia nos últimos anos":

<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=106344&titular=%22hay-250.000-desaparecidos-en-colombia-en-los-%FAltimos-a%F1os%22->

<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=104558&titular=piedad-c%C3%93rdoba-denuncia-la-pasividad-internacional-y-pide-que-se-condicione-el-tlc-con-europa->

Colômbia: Segundo Congresso Mundial de Desaparecimentos Forçados:

<http://www.youtube.com/watch?v=YNQgkbV12tU>

<http://www.kaosenlared.net/noticia/celebrado-ii-congreso-mundial-desaparicion-forzada-colombia-sos-desapa>

Desaparecimentos, crime do Terrorismo de Estado na Colômbia:

<http://justiciaypazcolombia.com/50-000-personas-desaparecidas-en>

(2) União Patriótica, 5000 militantes exterminados: Genocídio político, crime de Estado: <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=103227>

O plano do Estado e da CIA para exterminar a UP, foi denominado "Baile Rojo" (Dança Vermelha). Documentário de Yesid Campos sobre o genocídio político da União Patriótica:

<http://video.google.com/videoplay?docid=8981304868098159223&ei=PpiKS7CINMag-Ab6tKD0BA&q=el+baile+rojo>

(3) www.cut.org.co 2.704 sindicalistas assassinados. Representa 60% do total de sindicalistas assassinados no mundo, são assassinados na Colômbia pelas ferramentas do terrorismo de Estado. O recorde mundial em assassinatos de sindicalistas pertence à Colômbia:

www.kaosenlared.net/noticia/colombia-record-mundial-asesinatos-sindicalistas-terrorismo-estado .

(4) O estudo da Missão para a Integração do Emprego (MESEP), Pobreza e Desigualdade 2009, contabilizou oito milhões de colombianos em situação de indigência e 20 milhões de pobres. Nas áreas rurais, 65% dos lares são considerados pobres e 33% vivem na indigência.

http://www.abpnoticias.com/index.php?option=com_content&task=view&id=2446&Itemid=90

http://www.elcolombiano.com/BancoConocimiento/l/informe_sobre_pobreza_e_indigencia/informe_sobre_pobreza_e_indigencia.asp

(5) Anualmente, na Colômbia morrem mais de 20 mil crianças menores de cinco anos por desnutrição aguda; de cada 100 gestantes deslocadas, 80 sofrem de desnutrição crônica, UNICEF:

http://www.elcolombiano.com/BancoConocimiento/D/desnutricion_infantil_que_no_deja_crecer_/desnutricion_infantil_que_no_deja_crecer_.asp

<http://colombia.indymedia.org/news/2009/09/106455.php>

Colômbia, pobre entre os pobres: <http://alainet.org/active/33960> (=es

(6) Sarmiento Angulo, o empresário mais rico da Colômbia, juntamente com um punhado de oligarcas, entre os quais se destacam Ardila Lule e Santo Domingo, é o maior promotor da nefasta "segurança democrática" do governo Uribe, e, coincidentemente, para cada uma das suas sugestões, Uribe sempre obedeceu em tempo recorde de 24 horas, tal como o fez quando Sarmiento Angulo sugeriu que "o imposto para financiar a segurança democrática" fosse permanente e estendido a todos os colombianos: <http://www.lasillavacia.com/historia/1717>

<http://noticieroconfidencial.com/?p=11>

Colômbia: Crescem os lucros e benefícios das grandes empresas

<http://www.desdeabajo.info/index.php/actualidad/colombia/4850-colombia-crecen-las-ganancias-y-los-beneficios-de-las-grandes-empresas.html>

Modelo neoliberal e desigualdade na Colômbia:

<http://www.desdeabajo.info/index.php/fondo-editorial/vertices-colombianos/5779-crisis-del-modelo-neoliberal-y-desigualdad-en-colombia-dos-decadas-de-politicas-publicas.html>

http://www.portafolio.com.co/economia/finanzas/ARTICULO-WEB-NOTA_INTERIOR_PORTA-7480367.html

Publicado em 15 de fevereiro de 2010: Lucros do setor financeiro chegaram a \$8,5 bilhões. <http://www.elespectador.com/articulo187857-ganancias-del-sector-financiero-llegaron-85-billones>

(7) MOVICE, Movimento Nacional de Vítimas de Crimes de Estado: 4,5 milhões de deslocados, 2009:

http://www.movimientodevictimas.org/index.php?option=com_content&task=view&id=278&Itemid=64

(8) MOVICE: 10 milhões de hectares despojadas aos camponeses, cifras 2009:

http://www.movimientodevictimas.org/index.php?option=com_content&task=view&id=274&Itemid=69

(9) A maior vala comum da América Latina, uma descoberta dantesca que, entretanto ainda não levou ao repúdio internacional que o regime colombiano merece: mais de 2000 cadáveres de desaparecidos pela força Omega do "Plano Colômbia". O exército enterrava ali desaparecidos desde 2005:

<http://www.publico.es/internacional/288773/aparece/colombia/fosa/comun/cadaveres>

<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=99507>

(10) Emprego de uma Ferramenta Paramilitar para injetar o Terror na população.

Relatório da Procuradoria de Justiça e Paz, fevereiro 2010; paramilitares asseguram ter cometido 30.470 assassinatos em uns 15 anos:

<http://www.telesurtv.net/noticias/secciones/nota/66984-NN/ex-paramilitares-colombianos-reconocen-haber-cometido-cerca-de-30-mil-500-asesinatos/>

Testemunhos de paramilitares, de sobreviventes e os resultados das equipes forenses mostram que a Estratégia paramilitar do Estado desenhou um método para esquartejar seres humanos: dando "cursos" utilizando pessoas vivas levadas até os campos de treinamento. Francisco Villalba, o paramilitar que liderou em campo a barbárie de El Aro (departamento de Antioquia), em que torturaram e massacraram a 15 pessoas durante 5 dias, revela detalhes sobre esses "cursos": "Pessoas levadas em caminhão, vivas, amarradas (...) Eram divididas em grupos de cinco (...), as instruções eram arrancar-lhes os braços, a cabeça..., enfim, esquartejá-las vivas (...). Eles saíam chorando do caminhão e pediam para a gente que não lhes fizéssemos nada, que tinham família".

<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-3525024>

... "Cursos de Esquartejamento" para treinar paramilitares em sua função mais específica: difundir o terror na população, a fim de "dissuadir pelo terror" e conseguir deslocar de suas terras os sobreviventes que tinham presenciado os massacres.

Assim se expressava o paramilitar 'H.H', referindo-se ao exército da Colômbia: "Nós éramos ilegais e eles são mais culpados do que nós, porque eles representam o Estado e tinham a obrigação de proteger essas comunidades mas nós éramos utilizados. Cometemos muitos homicídios e temos que responder, mas eles também devem responder...".

'H.H' revela vínculos com Byron Carvajal e Rito Alejo del Río:

<http://www.elespectador.com/noticias/judicial/articulo116951-alias-hh-revela-vinculos-de-auc-byron-carvajal-y-rito-alejo-del-rio>

'H.H' confessa mais de 3.000 assassinatos; será extraditado para não divulgar os nomes dos autores intelectuais: <http://www.kaosenlared.net/noticia/paramilitar-confiesa-mas-3000-asesinatos-sera-extraditado-para-callar->

Estratégia Estatal Paramilitar esquarteja os homossexuais. Denúncia em vídeo:

http://www.youtube.com/watch?v=ZfLqZ2q0zBk&feature=player_embedded

<http://www.kaosenlared.net/noticia/colombia-estrategia-estatal-paramilitar-descuartiza-homosexuales-video>

(11) «Na Colômbia tem-se utilizado fornos crematórios para desaparecer rastros de pessoas assassinadas ou para queimar pessoas vivas. Eram levadas pelos paramilitares a mando do Exército e polícia». Senadora Piedad

<http://www.piedadcordoba.net/piedadparalapaz/modules.php?name=News&file=article&sid=3345&mode=thread&order=0&thold=0>

<http://www.elespectador.com/noticias/paz/articulo197845-piedad-cordoba-denuncio-hornos-crematorios-para-desaparecer-cadaveres-d>

Paramilitar Mancuso reafirma que 'cremaram' vítimas para diminuir estatísticas:
<http://www.elespectador.com/noticias/judicial/articulo138469-mancuso-reitera-cremaron-victimas-bajar-estadisticas>

Estado Colombiano imita crimes nazistas: Paramilitares e Fornos Crematórios...
<http://www.kaosenlared.net/noticia/estado-colombiano-emula-crimenes-nazis-paramilitares-hornos-crematorio>

<http://bloguerosrevolucion.ning.com/profiles/blogs/viaje-a-los-hornos-crematorios>

<http://carlosmora.wordpress.com/2009/05/22/hornos-crematorios-principal-arma-de-guerra-de-paramilitares-en-colombia/>

(12) <http://www.falsos-positivos.blogspot.com/>

Evidências fotográficas de “falsos positivos”:

http://www.youtube.com/watch?v=VuSBNcNsdMU&feature=player_embedded

(13) O regime colombiano mantém encarcerados 7.500 presos políticos:
<http://www.arlac.be/A2009/2009/Tlaxcala.htm> . Campanha europeia 2009-2011 pela liberação dos presos políticos na Colômbia. São 7.500, na sua maioria presos de opinião e ativistas sociais. As associações e pessoas do mundo que quiserem apoiar a campanha pela liberação dos presos políticos na Colômbia, são bem vindas. Para assinar clique no link: http://www.tlaxcala.es/detail_campagne.asp?lg=es&ref_campagne=14

(14) Centenas de auto-atentados que foram preconizados pelo DAS, Departamento Administrativo de Segurança, como consta em documentos desclassificados. DAS, polícia secreta implicada em armações judiciais e em atentados com explosivos, segundo testemunhas e documentos apreendidos do próprio DAS:
<http://www.kaosenlared.net/noticia/poner-bombas-servicios-publicos-no-chuzada-denunciar-escandalo-das-rea>

<http://www.rpasur.com/Elmayorescandalodeespionajedelahistoriadeldas.html> DAS, a polícia secreta:
http://www.youtube.com/watch?v=VfnkGqy4-tE&feature=player_embedded (15) Bases militares dos EUA na Colômbia: perigo regional e aprofundamento do genocídio; violações sexuais e impunidade
<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=99720> “(...)privilégios, exceções e imunidades outorgadas ao pessoal administrativo y técnico de uma missão diplomática”, conforme o pacto militar que os Estados Unidos assinou com o governo Colombiano.

Fonte: Vermelho.org

Link: http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=7&id_noticia=141614, 16/11/2010. Acesso: 18/12/2010, as 18:00h.

Espaço Aberto I

Após o segundo turno, o país que queremos nos próximos quatro anos

*Priscila Pereira da Silva Alves **

O segundo turno das eleições presidenciais foi marcado pelo maior índice de abstenção desde as eleições de 1989, quando o Brasil voltou a ter eleições diretas. Objetivamente 21% dos eleitores, o que corresponde a 29.197.152 de brasileiros, escolheram não participar do principal e mais importante processo político de um país sob o regime democrático. Dilma Rousseff foi eleita com 56,05% dos votos válidos, enquanto José Serra

recebeu 43,95% destes. Apesar da aparente vitória “tranquila”, ao aprofundarmos a análise dos resultados, percebemos um equilíbrio entre os desempenhos dos dois candidatos.

O candidato tucano ganhou as eleições em 14 capitais: três no sul, três no sudeste, três no norte, três no nordeste e duas no centro-oeste. Apesar de perder na maioria das principais metrópoles do país, Dilma conquistou a vitória em 13 capitais: seis no nordeste, quatro no norte, duas no centro-oeste e uma no sudeste. Em muitas capitais, a diferença de votos entre os dois candidatos ficou abaixo de um ponto percentual.

Ao analisarmos os resultados nos estados brasileiros, José Serra teve a maioria dos votos em 10 estados, e Dilma ganhou em 16 estados e no Distrito federal. Chama a atenção a vitória esmagadora de Serra em dois estados da região norte: Acre (69,99% dos votos) e em Roraima (66,56% dos votos); e por outro lado, cabe destacar a estrondosa vitória de Dilma em quatro estados: Amazônia (80,57% dos votos), Ceará (77,35% dos votos), Maranhão (79,09% dos votos) e Pernambuco(75,65% dos votos).

Percebemos que a vitória eleitoral da escolhida sucessora de Lula se concretizou em uma conjuntura de crescimento econômico, geração de emprego, distribuição de renda e maior mobilidade social, além da efetivação de direitos daquelas antes marginalizados. A percepção da maioria da população, majoritariamente pobre, de que houve melhoria real de suas condições de vida, através de sua integração social, perspectiva de ascensão social e crença no futuro, assegurou a vitória de Dilma, que se comprometeu com a continuidade desse processo iniciado no governo Lula.

Devemos, porém, atentar ao fato de que a grande aprovação do governo Lula, combinada com o crescimento econômico, a geração de empregos, e o crescimento do caráter assistencialista do governo, podem esconder a consolidação de uma nova hegemonia muito perigosa, marcada pelo aumento da despolitização e da fragilização dos movimentos sociais e populares. Apesar de ter alcançado importantes avanços, a sociedade civil brasileira está longe de consolidar sua autonomia em relação ao Estado e ao governo.

O grande risco da manutenção das políticas sociais e assistencialistas nos moldes atuais se deve ao fato destas estarem se consolidando como instrumentos de deslocamento do foco da origem dos problemas sociais estruturais e da luta. Os efeitos positivos das políticas de transferência de renda, geração de crédito e políticas públicas de promoção e extensão dos direitos de cidadania, às camadas até então excluídas e marginalizadas, não têm representado melhoria da autonomia nem caminho à emancipação do povo brasileiro.

Não podemos permitir que a sensação de bem estar promovida pela conjuntura econômica favorável e pelas conquistas alcançadas através de políticas sociais assistencialistas continue a esvaziar o discurso político, como ocorreu durante esse processo eleitoral. Faz-se mister levantarmos a discussão sobre as reformas necessárias a serem implementadas no próximo governo, afim de propiciar a transformação e emancipação de nossa sociedade.

Devemos reconhecer a importância histórica e política do governo Lula, que marcou o início de uma nova via democrática a ser trilhada não apenas pelo Brasil, mas que têm se consolidado também pela América Latina. O governo de Dilma não deve se restringir a dar continuidade às políticas implementadas no governo Lula, mas deve se comprometer a continuar lutando para consolidar as transformações necessárias para trazer o desenvolvimento econômico e social do país, além de promover uma consciência política da população.

Se acreditarmos de fato na construção de um país democrático, com potencial de liderança regional e projeção internacional, devemos participar ativamente da vida política da nação. Devemos lutar pela efetivação dos processos democráticos, pela ampliação dos direitos, pela reforma da educação e da saúde, pela reforma agrária e urbana, a fim de conquistarmos um país menos desigual, menos injusto, onde todos tenham os meios e oportunidades para se constituírem de fato cidadãos livres e iguais.

*** Priscila Pereira S. Alves é graduanda em Ciências Sociais pela UERJ e em Relações Internacionais pela UNESA. Bolsista de Estágio Interno Complementar pelo Programa de Estudos de América Latina e Caribe (PROEALC).**

Espaço Aberto II

Tráfico e milícias no espetáculo midiático do Rio de Janeiro

*Caroline de Castro**

No dia 10 de dezembro se completou dois anos da conclusão do relatório da CPI das milícias da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Nestes últimos dois anos a milícia pouco esteve nos noticiários da grande imprensa, ainda que durante a última eleição encontremos certa abordagem sobre o tema, mas o que trouxe o debate sobre as milícias de volta para a sociedade é o lançamento do filme “Tropa de Elite 2” (1). Curiosamente, dias após o lançamento do filme, o governo do Estado do Rio de Janeiro comanda a invasão ao Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro. As grandes mídias apontam o dia 25 de novembro de 2010 como o dia D da segurança pública do Rio de Janeiro, cabe, portanto uma reflexão sobre a questão da territorialidade do crime na cidade.

A grande mídia coadunada com o senso comum, trouxe cobertura completa da invasão do Alemão em tempo real. O jornalista Willam Waack no Jornal da Globo, chega a mascarar dados, afirmando que os dados de criminalidade do Rio de Janeiro estão estagnados. Mas, para além da “sociedade do espetáculo”, é necessária uma discussão que entenda o tráfico de drogas como um comércio capitalista que envolve diversos setores, inserido e elaborado dentro do processo histórico de formação da cidade baseado na segregação sócio-espacial de classe.

A socióloga Vera Malagutti aponta que somente do ponto de vista do mercado da guerra à política de segurança pública é vitoriosa, movimentando um “mercado da violência e do controle da violência”. Segundo ela “... não é um sucesso, é um sucesso de vendas tanto para a mídia quanto para os armamentos que estão sendo anunciados” (2).

A mídia nos leva a crer que existe uma polarização entre “mocinhos x bandidos”, sendo representados na vida real por policiais e traficantes, respectivamente. Porém, já é sabido que a dinâmica do crime incorpora a máquina estatal e por isso sobrevive e é tão efetiva durante tantos anos. Podemos observar esta constatação ao analisar a lucratividade que as milícias faturam no seu mercado. Segundo dado das Nações Unidas o tráfico de drogas movimentava 200 mil dólares por minuto; uma milícia, somente com o comércio das vans fatura 170 mil reais por dia, segundo o relatório da CPI das milícias.

Segundo Marcelo Freixo (3), deputado que presidiu a CPI das milícias, o relatório aprovado em 2008 apresentou 58 propostas de combate às milícias que não foram colocadas em prática. Uma das propostas era a solicitação que as vans fossem licitadas individualmente e estas foram licitadas por cooperativa pelo prefeito do Município do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Da mesma forma foi solicitado que aumentasse o número de fiscais na distribuição de gás, e a agência nacional do petróleo manteve o vergonhoso número de 5 fiscais no Estado do Rio de Janeiro.

As milícias estão cada vez mais estruturadas, visto que a política de segurança do Estado não implementa quaisquer ações de enfrentamento das mesmas, como também com suas medidas compactua para o seu fortalecimento. É o que demonstra em pesquisa recente o pesquisador Paulo Storani do Instituto Universitário de Políticas Públicas e Ciências policiais da Universidade Candido Mendes. Em mapeamento feito nas 250 maiores favelas do Rio de Janeiro, ele aponta que 105 delas estão dominadas por milícias, 13 estão sob o controle das Unidades de Polícia Pacificadora, 66 sob o controle da facção A, 35 da facção B e 31 da facção C (4).

Segundo a pesquisa, enquanto as UPP's se encarregaram de cuidar das favelas da Zona Sul e Norte, os grupos de milicianos se encarregaram de cobrir boa parte das favelas da grande Jacarepaguá e Zona Oeste,

além do subúrbio e municípios da Baixada Fluminense. As milícias não param de crescer e se melhor estruturar cada vez com mais serviços, sejam eles de internet, TV a cabo, gás, máquinas de caça níqueis e até mesmo, serviço de “segurança”.

Paralelamente a organização territorial do tráfico no Rio de Janeiro já vem se estabelecendo há algum tempo, o que culminou nesse conflito tão bem explorada pela mídia no Complexo do Alemão. Segundo o professor José Cláudio Alves o que está por trás disso é a reconfiguração da geopolítica do crime. O Estado está em confronto com determinada facção que perdeu seus territórios para as UPP's. Enquanto isso a facção rival e as milícias avançam em outros territórios. Portanto, como já apontado anteriormente, a política adotada pelo Estado não permite um combate efetivo ao crime, mas estabelece uma reconfiguração do mesmo.

As UPP's não chegam às áreas de milícia, exemplo claro disto é ter uma UPP na Cidade de Deus, e não ter na Gardênia Azul ou em Rio das Pedras, que são lugares importantes no combate ao tráfico no Rio de Janeiro. Ainda assim, em algumas áreas de UPP's conjectura-se que ainda se pode observar ex-traficantes atuando no comércio varejista de drogas. Isto porque se observamos os territórios ocupados pelas UPP's, entendemos que estas fazem parte de um projeto midiático para viabilizar os megaeventos esportivos. É mais um projeto turístico do que um projeto de segurança pública efetivo.

É importante atentar que os eventos que ocorreram no final deste ano de 2010 é sintoma de uma política de segurança pública muito bem sucedida no que tange a defesa dos direitos das elites desta sociedade. Política esta muito bem articulada com os meios de comunicação de massa, que opera uma estigmatização da favela como os bandidos da história.

Esta política de enfrentamento só alcança parte pequena de todo o mercado de drogas, os grandes articuladores deste mercado substituem com grande facilidade estes que são presos ou mortos no conflito. Enquanto isso as milícias, e seus aliados, crescem em mais diversas áreas de influência. Insistir em dizer que o Rio de Janeiro está pacificado é no mínimo uma miopia política, que nem a ficção se permitiu, e no máximo uma forte pactuação com as milícias e toda realidade de barbárie do Rio de Janeiro.

Notas:

(1) No dia foi lançado “Tropa de Elite 2”, que bateu recorde de público sendo assistido por aproximadamente 12 milhões de espectadores em todo o Brasil. O filme traz a abordagem sobre a segurança pública no Rio de Janeiro, mas diferente do primeiro Tropa de Elite, neste segundo filme o tráfico se encontra em segundo plano, e a questão central são as milícias e a sua máquina de votos.

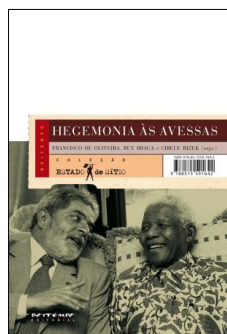
(2) Em entrevista a ESPJV, disponível em <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Entrevista&Num=18>

(3) Em pronunciamento na ALERJ no dia 12/11/2010.

(4) Publicada no Jornal O Globo em 11/11/2010.

* **Caroline de Castro é graduanda em Ciências Sociais pela UERJ. Bolsista de Estágio Interno Complementar pelo Programa de Estudos de América Latinae Caribe (PROEALC).**

Livros/Lançamentos



Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira

Autor(a): Francisco de Oliveira, Ruy Braga e Cibele Rizek (orgs.).

São Paulo, Boitempo, 2010

Resumo: Em seu artigo, Oliveira apontava como, em mundo marcado pela crise capitalista e pelo colapso ambiental, o presidente brasileiro atingiu enorme prestígio ao absorver “transformisticamente” forças sociais antagônicas dentro do Estado, desmobilizando as classes subalternas e os movimentos sociais. Carlos Nelson Coutinho segue a provocação do sociólogo para percorrer o caminho de seu diagnóstico, que

verifica nesta conjuntura uma “hegemonia da pequena política”, “quando a política deixa de ser pensada como arena de luta por diferentes propostas de sociedade e passa, portanto, a ser vista como um terreno alheio à vida cotidiana dos indivíduos, como simples administração do existente”. A apatia torna-se um fenômeno de massa, inclusive teorizada como um fator positivo para a conservação da “democracia”.



O Socialismo no século 21 - há vida após o neoliberalismo?

Autor: Atílio Borón

São Paulo, Expressão Popular, 2010.

Resumo: Este livro fala sobre as vicissitudes do capitalismo na América Latina.

Seu ponto de partida é a constatação, depois de mais de um século, de haver sido instaurado como modo de produção dominante nas suas principais economias e, apesar de ter experimentado períodos de elevadas taxas de crescimento econômico, nossos países continuam mergulhados no subdesenvolvimento. Essas principais economias – Argentina, Brasil, Chile e México – continuam lutando com os tradicionais problemas do passado como, entre outros, pobreza, indigência e exclusão social crescente, extrema concentração de riqueza e renda e “democracias” mais aparentes que reais, nas quais estão ausentes os mais elementares direitos dos cidadãos.

Depois de muitas décadas de sacrifício e de perversa exploração, períodos de repressão e derramamento de sangue, o capitalismo demonstra que não é o caminho para o desenvolvimento desses países, mas exatamente o contrário: é o caminho mais seguro para perpetuar o subdesenvolvimento.

O capitalismo não é uma receita que se pode tornar universal, muito menos eterna. A realidade é que, depois de pouco mais de cem anos, apenas um país pôde atravessar as fronteiras que dividem o desenvolvimento do subdesenvolvimento, e é esse o caso excepcional da Coreia do Sul.

Mas por que será que ninguém mais repetiu essa façanha?

A resposta que aqui se busca fundamentar é que ninguém mais poderia repetir tal façanha porque as condições que permitiram a passagem do subdesenvolvimento para o desenvolvimento pela via capitalista ao longo do século 20 desapareceram.

Assim, este livro busca contribuir no sentido de evitar a continuação desse sistema injusto e irreformável, que coloca a humanidade à beira de sua própria destruição. Com esse intuito, examina as perspectivas de um futuro não capitalista para a América Latina por meio de um socialismo do século 21, um socialismo renovado, que capitaliza e amadurece com as experiências das revoluções socialistas do século passado.

Agenda Acadêmica

*** XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (Enpess)**

Data: 6 e 10 de dezembro de 2010

Local: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Informações: <http://www.abepss.org.br/enpess2010/enpess.htm>

*** Simpósio: Serviço Social na América Latina**

Data: 02 de dezembro de 2010

Local: Universidade do Estado do Rio de Janeiro , 9º andar, Bloco D, Auditório A

Informações: rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão João Lyra Filho, 9º andar, Bloco D, sala do PPGSS. cep: 20550-013. Maracanã - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil

*** II Seminário de Pós Graduação em Ciências Sociais**

Data: 29 de novembro a 03 de dezembro de 2010

Local: Universidade Federal de Juiz de Fora

Informações: <http://seminariocso.blogspot.com/>

*** I Seminário Internacional Sobre Microterritorialidades Urbanas**

Data: 13 a 15 de dezembro de 2010

Local: UFRJ, Auditório Prof. Manoel Maurício de Albuquerque (CFCH), situado no Campus Universitário da Praia Vermelha

Informações: microterritorialidades.blogspot.com / microterritorialidades@gmail.com

Expediente**Reitor**

Prof. Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitora

Profª Maria Christina Paixão Maioli

Sub-reitora de Graduação

Profª Lená Medeiros de Menezes

Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa

Profª Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron

Sub-reitora de Extensão e Cultura

Profª Regina Lúcia Monteiro Henriques

Diretor do Centro de Ciências Sociais

Prof. Domenico Mandarino

Coordenadora do PROEALC

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Editora Responsável

Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistente Editorial

Margareth Doher (PROEALC/CCS/UERJ)

Coordenação de Produção

Andréia de Souza Carvalho (PROEALC/CCS/UERJ)

Margareth Doher (PROEALC/CCS/UERJ)

Colaboradores

Priscila Pereira S. Alves (PROEALC/CCS/UERJ)

Caroline Souza de Castro (PROEALC/CCS/UERJ)

Projeto Gráfico

Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)

Diagramação

Margareth Doher (PROEALC/CCS/UERJ)

Assessoria de Informática

Anísio Borba (PROEALC/CCS/UERJ)

Revisão

Os textos publicados são de responsabilidade dos autores.